

## A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE LULA PELA FOLHA DE SÃO PAULO A PARTIR DOS POSICIONAMENTOS PRESIDENCIAIS SOBRE O CONFLITO ISRAELO-PALESTINO

### *THE CONSTRUCTION OF LULA'S IMAGE BY FOLHA DE SÃO PAULO BASED ON PRESIDENTIAL POSITIONS ON THE ISRAELI-PALESTINIAN CONFLICT CONFLICT*

Maria Eduarda dos Santos Silva.  
<https://orcid.org/0000-0002-4167-9182>  
Universidade Federal de Pernambuco

Gabriel do Nascimento Santana.  
<https://orcid.org/0000-0001-5533-4495>  
Programa de Pós-Graduação em Letras  
Universidade Federal de Pernambuco

**Resumo:** O engajamento de Lula com a questão da Palestina é uma realidade que se apresenta desde o seu primeiro mandato, podendo ser explicado pelo ponto de vista de um esforço de exposição internacional, visando certo protagonismo como país emergente, mas também por um alinhamento ideológico aos valores defendidos pela esquerda, como justiça social, liberdade e emancipação. Contudo, com o acirramento do conflito israelo-palestino, no dia 7 de outubro de 2023, os posicionamentos do presidente passaram a ganhar maior atenção da imprensa nacional e internacional. Diante disso, nosso principal objetivo é analisar como a imagem de Lula é construída por um jornal de grande circulação no Brasil, a Folha de São Paulo, em relação aos seus discursos sobre o conflito. Para alcançar tal intento, selecionamos duas notícias publicadas no mês de outubro de 2023 e tomamos como base teórica alguns conceitos advindos da análise do discurso (Maingueneau, 2008; 2013; Foucault, 1999; 2008; Possenti, 2009; 2023). Como resultado, constatamos que, por pertencerem a campos discursivos opostos, ainda que Lula e a Folha de São Paulo abordem o mesmo tema central, instaura-se uma interincompreensão, que gera um simulacro de quem é o Outro, ou seja, constrói-se uma imagem negativa do presidente.

**Palavras-chave:** Conflito israelo-palestino. Lula. Análise do discurso. Interdiscurso. Interincompreensão.

**Abstract:** Lula's engagement with the Palestinian issue is a political fact since his first presidential term. It can be explained from the point of view of an international exposure effort, aiming at a certain protagonism as an emerging country, but also by an alignment with some values defended by the left, such as social justice, freedom and emancipation. However, with the intensification of the Israeli-Palestinian conflict, on October 7, 2023, President Lula's positions began to gain greater attention from both national and international press. This work's main objective is to analyze how Lula's image is constructed by one of these newspapers with large circulation in Brazil, Folha de São Paulo, regarding his speeches about the conflict. We selected two items published in October 2023 and, then, we took as a theoretical basis some concepts arising from Discourse Analysis (Maingueneau, 2008; 2013; Foucault, 1999; 2008; Possenti, 2009; 2023). As result, we found that, as they belong to opposing discursive fields, even if Lula and Folha de São Paulo address the same central theme, it emerges from the discursive practices an interincomprehension, which generates a simulacrum of whom the Other is, i.e., it constructs a negative image of the president.

**Keywords:** Israeli-Palestinian conflict. Lula. Discourse Analysis. Interdiscourse. Interincomprehension.

## Uma breve contextualização

Ao realizarmos uma revisão da história recente do Brasil, constatamos que a atenção dada por Lula, bem como pelos demais governos do Partido dos Trabalhadores (PT) à questão Palestina não se restringe aos fatos recentes, ocorridos a partir dos ataques do Hamas em 7 de outubro. Pontes (2019) nos mostra que, anteriormente ao primeiro governo petista, o envolvimento brasileiro na questão palestina era bem restrito a interesses econômicos com o chamado mundo árabe, de modo que em diversos momentos desde o pós-guerra imperava um posicionamento equidistante. “Mudanças significativas só aconteceram após a eleição de Lula da Silva, uma vez que a política externa de seus governos foi pensada a partir de recuperação de matrizes históricas de inserção externa pelo desenvolvimentismo” (Silva; Pilla, 2012 *apud* Pontes, 2019, p. 23).

Em 2003, por exemplo, durante o seu primeiro mandato como presidente, ao discursar na Síria, Lula havia indicado apoio à criação de um Estado palestino e que “a continuada ocupação de territórios palestinos, a manutenção e a expansão de assentamentos são inaceitáveis” (KRESCH, 2003, n. p.), discurso que desagradou potências internacionais e a própria mídia local. Em outro exemplo, no fim do seu segundo mandato, em 2010, Lula defende uma negociação entre as partes envolvidas no conflito, colocando-se a favor da paz na região e tecendo contundentes críticas aos Estados Unidos e à Europa. Dessarte, o presidente volta a argumentar a favor do direito palestino:

Eu já vi tanto presidente americano apertando a mão de presidente judeu e palestino, e não fez. A Europa vai fazer também, não faz. Ali, é preciso saber o seguinte: a paz só vai acontecer quando os que estão em guerra quiserem. É preciso colocar todo mundo em uma mesa de negociação: quem está conversando com o Hamas, quem está conversando com o Hezbollah, quem está conversando com a Síria, quem está conversando com o Irã? Como é que você vai construir a paz, se tem pessoas envolvidas no conflito que estão de fora? Já são considerados como bandidos e não se conversam. (Damé; Gois, 2010)

Nesse momento, o atual presidente reforça uma imagem de Brasil como um país pacífico e aberto ao diálogo com todos os lados, imagem essa que é constantemente destacada pelo petista e que segue em manutenção no atual governo de Lula. Sobre a Guerra na Ucrânia, por exemplo, diversas vezes o presidente apontou que tanto Zelenski quanto Putin eram igualmente responsáveis pela continuidade da guerra, buscando uma posição pacifista, mas que igualmente desagradou potências mundiais favoráveis à Ucrânia. Ademais, o presidente defendeu que os países, voltando-se principalmente para os que compõem o BRICS, deveriam discutir abertamente a questão: “Não subestimamos as dificuldades para encontrar a paz, tampouco podemos ficar indiferentes às mortes e destruição que aumentam a cada dia”, afirmou em uma conferência realizada em 2023 em Joanesburgo (Frazão, 2023).

Segundo Pontes (2019), com essas situações podemos compreender o engajamento brasileiro no conflito israelo-palestino, principalmente durante os governos Lula, a partir de uma primeira perspectiva, a qual, conforme Santos (2014, p. 195), seria caracterizada “pela busca de protagonismo internacional”. Nesse viés de compreensão, esses posicionamentos em questões conflituosas podem ser entendidos como consequência de um modelo de atuação externa adotado nos primeiros mandatos e que, a nosso ver, retorna neste terceiro governo lulista. O modelo está relacionado não

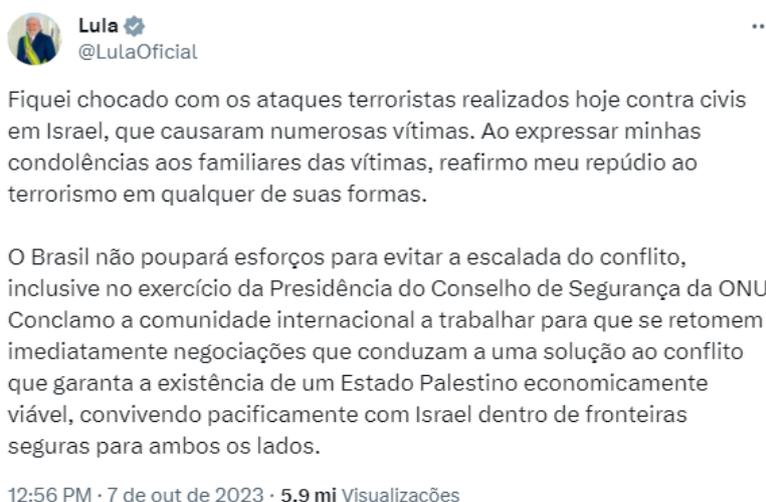
apenas a uma expansão de relações diplomáticas brasileiras, com o Brasil se apresentando como um país pacifista e mediador de conflitos, mas também buscando um lugar de autopromoção e protagonismo frente às grandes potências mundiais. Nesse ponto, a imagem externa de Lula e do Brasil se imbricam, como fica evidenciado no discurso já citado anteriormente, realizado em 2010:

E ainda diziam: “O que o Lula está se metendo, o que ele pensa que é? Discutir crise internacional... Se coloca no seu lugar, baixinho!” Eu sou baixinho, mas o povo brasileiro não é. O povo brasileiro é muito grande! E nós não aceitamos supremacia de uma nação sobre a outra. Não aceitamos supremacia dos que têm dinheiro contra os que não têm dinheiro. Não aceitamos a supremacia daqueles que acham, em uma outra geopolítica, daqueles que acham que eles são donos das decisões mundiais. (Damé; Gois, 2010)

Essa fala nos permite chegar a uma outra perspectiva sobre o engajamento dos governos de Lula no conflito israelo-palestino, a qual, segundo Pontes (2019), é explicada pela associação a valores defendidos pela esquerda (e pelo próprio PT dentro desse espectro). De acordo com a autora, do âmbito interno ao âmbito externo, temos questões como justiça social, liberdade e emancipação do dito terceiro mundo, o que influenciou a solidariedade dos governos lulistas com a causa palestina.

No dia 7 de outubro de 2023, assistimos ao acirramento do conflito israelo-palestino, com os ataques a cidades israelenses próximas à região de Gaza, impetrado pelo grupo islâmico Hamas, que controla a Faixa de Gaza desde 2007. Como retaliação, o Estado de Israel iniciou uma forte ofensiva militar contra a Palestina, protagonizando um verdadeiro genocídio do povo palestino, que perdura até o presente momento, com bombardeios aéreos a abrigos e hospitais, por exemplo, e invasões terrestres do território de Gaza e de cidades limítrofes. Com a nova fase do conflito, o presidente Lula começa a se posicionar em um tom mais conciliatório, repudiando os ataques do dia 7 de outubro, mas reforçando seu posicionamento em favor de um Estado Palestino, como podemos ler no pronunciamento feito em seu perfil oficial do X (antigo Twitter), no mesmo dia do atentado:

**Figura 1** - Tweet publicado pelo perfil oficial de Lula



Disponível em: <https://twitter.com/LulaOficial/status/1710685570278510751>. Acesso em: 21 dez. 2023.

A partir desse momento, o presidente Lula inicia um esforço para resgatar e repatriar brasileiros que viviam na zona de conflito, mantendo o discurso conciliador, defendendo que o Brasil precisa ser humanista e ensinar o mundo a ser também. Contudo, devido às ações seguintes realizadas pelo Estado de Israel, com apoio massivo dos Estados Unidos, nas falas de Lula, ainda que sendo reforçado o ponto da necessidade de paz e da solução de dois estados, foi ganhando espaço um posicionamento mais incisivo acerca da desigualdade de poder no conflito, ao ponto de classificar as ações de Israel como terrorismo e desenhar uma visão negativa do engajamento estadunidense, como podemos ver no programa “Conversa com o Presidente”, produzido pelo canal oficial do Governo Federal e que foi ao ar em uma live transmitida em 14 de novembro de 2023, no dia seguinte ao resgate dos brasileiros de Gaza, o qual transcrevemos um trecho abaixo:

A verdade é que houve um ataque terrorista do Hamas, e nós combatemos desde o início. Mas o comportamento de Israel, fazendo o que está fazendo com criança, com hospital, com mulheres e com crianças... São mais de 5 mil crianças que já morreram, tem mais 1250 crianças desaparecidas, que certamente estão debaixo dos escombros [...]. Quanto dinheiro gastado numa guerra quando nós temos 735 milhões de crianças passando fome no mundo! Quantos médicos já morreram, jornalistas já morreram? E pessoas ligadas à ONU, que estão lá para cuidar da paz, à Cruz Vermelha, estão sendo assassinadas e as pessoas veem isso como normal. É por isso que eu disse ontem que a atitude de Israel, com relação às crianças e com relação às mulheres, é uma atitude igual a um terrorismo. Não tem como dizer outra coisa. (Conversa..., 2023)

Por estar na posição de principal representante político do Brasil, naturalmente os olhares de jornais internacionais e nacionais se voltaram aos posicionamentos de Lula em seus discursos sobre o conflito israelo-palestino. Essa situação expôs uma outra questão relevante para os nossos estudos, a de que os principais jornais brasileiros (a saber, Folha de São Paulo, Estadão e O Globo) passaram a recortar e apresentar as falas do presidente a partir de uma formação discursiva de centro-direita. Ademais, é válido destacar que o jornalismo no Brasil teve, principalmente no século XX, forte influência do modo de imprensa estadunidense (Rüdiger, 2021), absorvendo também seu caráter liberal.

Em relação ao conflito israelo-palestino especificamente, esses grandes meios de comunicação, conforme defende Fishman (2023), depois de muitas vezes terem se omitido quanto aos ataques diários que Israel empreendia contra os palestinos ao longo dos anos, passaram a apresentar posicionamentos favoráveis ao estado de Israel. De tal modo, constroem para esse uma imagem de vítima frente aos atentados, ou ao menos buscam uma perspectiva dita conciliatória, mas que visa, se não justificar, igualar as ações israelenses aos ataques do Hamas. De forma contundente, a imprensa empresarial no Brasil corrobora a perspectiva estadunidense quanto a assuntos internacionais, logo, colonialista e liberal (Fishman, 2023), comumente contrária aos posicionamentos adotados pela esquerda no Brasil.

Diante disso, nosso principal objetivo é analisar como a imagem do presidente Lula é construída por um desses jornais de grande circulação no país, a Folha de São Paulo, em relação aos seus discursos sobre o conflito. Partindo-se da hipótese fundamental de que o veículo jornalístico em questão e os pronunciamentos oficiais do presidente Lula apresentam alinhamentos ideológicos manifestamente heterogêneos entre si – pressuposto esse que é, de forma tácita e pública, materializado historicamente em todos os posicionamentos editoriais da própria Folha de São Paulo –, projetamos

alguns objetivos específicos: (I) investigar a quais formações discursivas se alinham os discursos da Folha de São Paulo e de Lula e como essas se relacionam; (II) apresentar enunciados pertencentes a essas formações discursivas, evidenciando a polêmica estabelecida entre elas; (III) analisar a interincompreensão geradora do simulacro de discurso outro por parte da mídia.

## 1. Alguns já-ditos teóricos

Para a análise dos textos jornalísticos, seguimos na esteira de uma linguística menos estruturalista, na base do que propõe Maingueneau (2008), com uma influência dos pensamentos foucaultianos sobre os discursos. Desse modo, advogamos por uma análise do discurso (doravante AD) que, apesar de menos gramatical, não deixa de considerar o aspecto linguístico, mas atrelando-o constantemente a outros planos, como o histórico, a fim de pensar uma proposta em que o discurso é caracterizado por uma semântica global, em que todas as suas partes significam.

Para iniciarmos nossa compreensão no âmbito dessa chamada análise do discurso francesa, precisamos de antemão apreender a própria noção de discurso. Para Maingueneau (2008, p. 19), “o discurso não é nem um sistema de ‘ideias’, nem uma totalidade estratificada que poderíamos decompor mecanicamente, [...] mas um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação”. Em outros termos, são os textos dispersos no decorrer da história que podem ser agrupados e definidos de acordo com certas regularidades enunciativas.

Nesse ponto, podemos afirmar que o autor acessa um aspecto da definição de Foucault (1999), para o qual o discurso pode ser compreendido como um conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação. Contudo, Maingueneau (2008, p. 16) busca pontuar de maneira mais incisiva que os discursos são “integralmente linguísticos e integralmente históricos”, pois ele acredita que, por vezes, o primeiro aspecto se perde nas análises. Dessarte, devemos pensar o discurso como essa dispersão de textos que possuem uma profundidade histórica, mas que se localizam em uma base material, disposta em suas diversas dimensões: vocabular, temática, de coesão, pragmática e enunciativa.

Considerando essa historicidade das produções linguístico-discursivas, Maingueneau (2013) compreende que nenhuma produção de enunciado pode acontecer sem uma justificativa; de uma forma ou de outra, o enunciado justifica a forma como se apresenta. Em outras palavras, nenhum ato de enunciação ocorre sem dentro dele mesmo explicar-se, sem demonstrar o porquê de tal produção de sentido. Isso significa dizer, desse modo, que os discursos estão submetidos a formas sociais de organização e a regras vigentes numa determinada sociedade; assim como o discurso é também uma forma de ação sobre o mundo, pois enunciar é uma forma de ação sobre o outro, i.e., não apenas uma mera representação, mas sim uma *prática* discursiva (Maingueneau, 2013).

Conforme a concepção de Maingueneau (2008, p. 20), o discurso é a relação que une “um sistema de restrições de boa formação semântica”, a qual denomina de formação discursiva (doravante FD) – outro termo que nos é bastante relevante –, a um “conjunto de enunciados produzidos de acordo com esse sistema”, chamado pelo autor de superfície discursiva. Nesse ponto, Maingueneau, ainda que sofra a influência, diverge de Foucault (2008), pois este propõe como discurso uma compreensão similar a de superfície discursiva, logo como os enunciados que advêm da mesma FD. De acordo com abordagem teórica de Foucault (2008, p. 43, grifo do autor),

no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* [...].

Todos os enunciados têm, por conseguinte, o que Maingueneau (2008) entende como um “direito” e um “avesso” que são indissociáveis. Isso significa que há uma parte que relaciona o discurso com a sua própria FD, o lado “direito”, todavia há uma parte que se constitui na rejeição de um Outro, do “avesso”. A aceção das formações discursivas, enquanto esse espaço de restrições em que se formam e circulam os discursos, coloca em cena, portanto, o dialogismo inerente a todo discurso, trazendo não apenas um dialogismo interno, mas também externo, apontando para o que Maingueneau (2008) nomeia de a primazia do interdiscurso, nas figuras do Mesmo e do Outro.

O interdiscurso, dentro dos preceitos teóricos de Maingueneau (2008), é definido como o espaço em que as regularidades que formam os discursos são pertinentes, superando, desse modo, uma falsa equivalência entre o que está no exterior do discurso e o interdiscurso, para compreender este último como essencial para a existência do primeiro. Isso porque, conforme pontua Foucault (2008, p. 28),

todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um “jamais-dito”, um discursos sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seus próprio rastro.

Assim, quando consideramos o interdiscurso, estamos sempre tratando de uma alteridade, haja vista que todo discurso traz a presença simultânea de um Mesmo e de um Outro, sem o qual aquele não pode existir. O Outro é detentor de uma parte do sentido que não está contida no Mesmo, que precisou ser anulada para a construção da identidade do seu discurso. A existência de um discurso se dá, conseqüentemente, em oposição a outros, já-ditos e jamais-ditos, dos quais ele busca se diferenciar. Logo, como explica Maingueneau (2008), o Outro não é necessariamente um sujeito ou uma citação, nem mesmo está em uma ruptura explícita com o discurso do Mesmo. O Outro é um conjunto de enunciados recusados, os quais definem um território daquilo que não pode ser dito pelo Mesmo.

Nesse quadro, a polêmica existe como natureza mesma dos discursos, devido às possibilidades de gênese no interdiscurso, haja vista que “o caráter constitutivo da relação interdiscursiva faz a interação semântica entre os discursos parecer um processo de tradução, de *interincompreensão* regulada” (Maingueneau, 2008, p. 21, grifo do autor). Cada Mesmo vai introduzir o Outro em seus enunciados de acordo com o sistema de restrições da sua FD, relacionando-se com ele sob a forma de um simulacro. Em termos mais simplistas, o Mesmo não dialoga com todas as nuances do Outro, mas sim com uma parte deste que ele elege para compor o seu discurso.

Como propôs Goffman (2002), as interações sempre vão ocorrer nesse simulacro, que é uma espécie de encenação assumida pelos participantes, “pois os interlocutores, ao tomarem posse de suas identidades e papéis languageiros como sujeitos, encenam a situação e podem (ou não) legitimar e reconhecer as identidades sociais dos seus parceiros” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 33). Dessarte, o sentido se

constrói não na compreensão; o sentido emerge da *polêmica* – conceito proficuamente explorado em Amossy (2017) – instaurada na não compreensão, logo na apreensão do Outro por um simulacro. “O conflito não vem acrescentar-se, do exterior, a um discurso auto-suficiente por direito; ele está inscrito em suas próprias condições de possibilidade” (Maingueneau, 2008, p. 21).

Dito isto, como bem nos lembra Possenti (2009), não podemos esquecer que, dentro do escopo teórico da AD, a ideologia angaria um papel importante na configuração das formações discursivas e, conseqüentemente, dessa interincompreensão regulada. Contudo, não somos partidários de compreender uma supremacia da ideologia sobre os sujeitos, e sim de sujeitos que são clivados por um inconsciente ideológico, histórico e social, mas que também são sujeitos agentivos. De modo que podemos considerar que

os sujeitos são históricos e atuam, que a ideologia está sempre presente, mas não é a única realidade e também é histórica; que os sujeitos estão irremediavelmente dentro e fora do arquivo, quem sabe mesmo arquivando; enfim, que a interação existe e se caracteriza pelo jogo tenso entre o que já houve e o acontecimento circunstancial que ela é, no qual os sujeitos têm um papel que ultrapassa o de ser um lugar imaginário. (Possenti, 2009, p. 83)

Refletindo sobre o contexto e o *corpus* analisado neste artigo, levantamos a hipótese de que a imagem de Lula é construída pela grande mídia brasileira a partir de um simulacro do discurso opositor, considerando o seu posicionamento sobre o conflito israelo-palestino. O atual presidente é o Outro, que fala a partir de uma FD ideologicamente de esquerda, favorável à Palestina; é visto como alguém que não fala de forma igualitária e justa em seus posicionamentos. Isso ocorre, pelo menos, nos primeiros momentos após o acirramento do conflito, quando a imprensa norte-americana, favorável a Israel, também nutria esse posicionamento. O foco da nossa pesquisa é, independente de qual seria o discurso primeiro e o discurso segundo, analisar esses discursos coexistentes e pertencentes a FDs distintas, em um processo de dupla tradução, a partir de um “modelo simétrico de interação conflituosa” (Maingueneau, 2008, p. 40), em que a Folha de São Paulo, por ser o enunciador dos textos estudados, assume esse lugar do Mesmo.

## 2. A interação conflituosa

O *corpus* analisado corresponde a textos jornalísticos publicados pela Folha de São Paulo a respeito dos posicionamentos do presidente Lula sobre o conflito israelo-palestino. Por questão de espaço, realizamos dois recortes: primeiro optamos por restringir o material analisado aos textos publicados durante o primeiro mês de acirramento do conflito, portanto, em outubro de 2023; em segundo lugar, detivemo-nos a apenas dois desses exemplares. O primeiro a ser analisado foi publicado em 7 de outubro de 2023, no próprio dia em que ocorreu o atentado do Hamas.

Quadro 1 – Notícia publicada pela Folha de São Paulo em 7 de outubro de 2023

## Lula se diz chocado com ataque contra Israel, mas não cita Hamas

Neste sábado, território israelense foi bombardeado em ação do Hamas; Netanyahu declarou guerra

[Renato Machado](#)

7.out.2023 às 13h21

Atualizado: 7.out.2023 às 15h43

**BRASÍLIA** O presidente Luiz Inácio [Lula](#) da Silva (PT) disse neste sábado (7) ter ficado chocado com os [ataques contra civis em Israel](#), que ele descreveu como "terrorismo".



O presidente Luiz Inácio Lula da Silva - Gabriela Biló - 27 set. 2023/Folhapress

Sem mencionar o [grupo islâmico extremista Hamas](#), que assumiu a autoria dos ataques, o mandatário afirmou que o Brasil não poupará esforços para evitar uma escalada no conflito e pediu que a comunidade internacional trabalhe imediatamente para que as negociações de paz sejam retomadas. O presidente, por outro lado, também defendeu ações que garantam a existência de um Estado Palestino.

"Fiquei chocado com os ataques terroristas realizados hoje contra civis em Israel, que causaram numerosas vítimas. Ao expressar minhas condolências aos familiares das vítimas, reafirmo meu repúdio ao terrorismo em qualquer de suas formas. O Brasil não poupará esforços para evitar a escalada do conflito, inclusive no exercício da Presidência do Conselho de Segurança da ONU", escreveu o presidente, em sua rede social.

"Conclamo a comunidade internacional a trabalhar para que se retomem imediatamente negociações que conduzam a uma solução ao conflito que garanta a existência de um Estado Palestino economicamente viável, convivendo pacificamente com Israel dentro de fronteiras seguras para ambos os lados", completou.

Mais cedo, o Ministério das Relações Exteriores brasileiro havia afirmado que vai convocar uma reunião de emergência do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre [os ataques em território israelense a partir da Faixa de Gaza](#) na madrugada deste sábado (7).

[O Brasil assumiu a presidência rotativa do órgão em 1º de outubro](#). Outros países membros também solicitaram uma reunião sobre o tema, e agora estão em consulta para determinar uma data. Em nota, também sem mencionar o Hamas, o Itamaraty disse ser urgente a retomada das negociações para a paz.

"O governo brasileiro reitera seu compromisso com a solução de dois Estados, com Palestina e Israel convivendo em paz e segurança, dentro de fronteiras mutuamente acordadas e internacionalmente reconhecidas. Reafirma, ainda, que a mera gestão do conflito não constitui alternativa viável para o encaminhamento da questão israelo-palestina", afirmou a pasta.

O presidente do Congresso Nacional, senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG), pediu uma ação da comunidade internacional para evitar uma escalada no conflito.

"É urgente que a comunidade internacional propugne esforços em favor da paz entre israelenses e palestinos,

no sentido de evitar a escalada da violência no Oriente Médio. Não podemos fechar os olhos para a violação de princípios fundamentais", afirmou o senador, por meio de suas redes sociais

"E nada justifica o uso da violência. Em nome do Congresso Nacional, expresse condolências aos familiares das vítimas, e reafirmo meu desejo pelo fim do conflito e a busca por uma solução justa, pacífica e duradoura para a região", completou.

O presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), por sua vez, condenou a ação do Hamas contra o território israelense, que considerou "inaceitável".

"A guerra não é a solução para conflitos políticos ou de qualquer natureza. O ataque do Hamas a Israel é inaceitável e cria mais um foco de tensão mundial. Devemos todos, inclusive o estado brasileiro, buscar o fim das hostilidades e o entendimento político. O caminho é o da paz", escreveu o deputado.

O ex-presidente [Jair Bolsonaro](#) (PL) publicou em suas redes sociais. "Pelo respeito e admiração ao povo de Israel, repudio o ataque terrorista feito pelo Hamas, grupo terrorista que parabenizou o Lula quando venceu as eleições de 2022", escreveu. "Para que a paz reine na região, lideranças palestinas precisavam abandonar o terrorismo e reconheça o direito de Israel de existir."

Ex-presidente do Senado e atual presidente da CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) da Casa, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), que é judeu, divulgou uma nota condenando o atentado. Ele acrescenta que a violência obriga Israel a usar "os instrumentos necessários" para defender a população.

"Uno-me à comunidade judaica de todo mundo, com meu povo em Israel que sofre nesse momento ataque em larga escala promovido pelo grupo terrorista palestino Hamas e seus apoiadores. Um ataque sem precedentes que vitima inocentes em todo o país e que obrigará Israel a usar os instrumentos necessários para defender sua população", afirma o texto da nota.

"Peço, como judeu que sou, que os líderes mundiais reúnam os esforços necessários para neutralizar essa escalada cruel e preocupante de violência e a perda de milhares de vidas em meio a um ato de terror injustificável", completou.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/10/lula-se-diz-chocado-com-ataque-contra-israel-mas-defende-estado-palestino.shtml>. Acesso em: 10 out. 2023.

É inegável que a polêmica está instaurada nessa notícia, já que vemos os dois discursos advindos de FDs com aspectos ideológicos distintos: o do jornal, considerado como o Mesmo por questões metodológicas aqui adotadas, e o de Lula, tomado como o Outro. Isso porque "a formação discursiva não define somente um universo de sentido próprio, *ela define igualmente seu modo de coexistência com os outros discursos*" (Maingueneau, 2008, p. 106, grifo do autor). Mas esses discursos não existem no vácuo, se formam a partir e são constituídos por um interdiscurso acerca do tema, no caso, o conflito israelo-palestino, como buscamos mostrar brevemente na primeira seção. E o que cabe destacar é que "o importante não é o tema, mas seu tratamento semântico" (Maingueneau, 2008, p. 82), segundo a acepção de uma semântica global<sup>1</sup> para entender os discursos. Isso porque, um "tema imposto"<sup>2</sup> pode e será tratado de maneiras distintas

<sup>1</sup> Essa acepção de uma semântica global advém dos estudos de Maingueneau (2008, p. 75), segundo o qual o discurso, por meio desse processo, não é apreendido "privilegiando esse ou aquele dentre os seus 'planos', mas integrando-os todos aos mesmo tempo, tanto na ordem do enunciado quanto na da enunciação".

<sup>2</sup> "Por definição, os temas que não são impostos pelo campo discursivo podem estar ausentes de um discurso, mas aqueles que são impostos podem estar presentes de maneiras muito variadas: um tema imposto que é dificilmente compatível com o sistema de restrições globais será integrado, mas marginalmente, enquanto um tema imposto fortemente ligado a esse sistema serpa hipertrofiado. Pode igualmente ocorrer que os dois discursos atribuam uma importância comparável ao 'mesmo' tema

pelos discursos que terão de abordá-lo, como é o caso do discurso de um presidente sul-americano de esquerda, que se coloca como pacifista e expoente global em resolução de conflitos, e um jornal brasileiro de influência liberal, que busca um discurso conciliatório, mas carregado de estereótipos sobre o povo palestino.

Um tema compatível seria que os atentados do Hamas foram inaceitáveis e algo deveria ser feito quanto a isso. Porém, alguns temas se tornam, na tessitura textual-discursiva, compatíveis com o discurso de Lula e incompatíveis com o discurso da Folha de São Paulo, aqui representando a grande mídia brasileira. Por exemplo, o direito de liberdade do povo palestino e a crueldade das ações de Israel. O mesmo acontece no caminho contrário, em que o tema do caráter terrorista do Hamas se sobrepõe aos demais no discurso da imprensa e é, por vezes, silenciado no discurso do presidente, ou apresentado em relação a um dos outros temas incompatíveis. Com esses recursos discursivos, a Folha de São Paulo não estabelece um diálogo com Lula, mas sim com um simulacro que constrói do presidente. Ou seja, do que foi dito, elege-se para definir o Outro aquilo que é a contraparte do Mesmo.

Ademais, há uma intertextualidade evidente já no título da notícia, que faz referência ao tweet de Lula no dia 7 de outubro de 2023, o qual veiculamos na Fig. 1. Esse próprio título já nos dá evidências de um desacordo entre o posicionamento tomado por Lula e o que a Folha de São Paulo considerava como importante. Isso porque, para o Mesmo, ainda que o Outro tenha se sensibilizado com a situação dos ataques, não citar diretamente o grupo que os realizou é uma ação de relevância e fala sobre quem é esse Outro. Desse modo, a imagem de Lula já começa a ser construída de maneira negativa baseada em um acesso a um interdiscurso sobre boas relações que o presidente teria com o Hamas, inclusive, não reconhecendo o grupo como terrorista, seguindo a visão da Organização das Nações Unidas (ONU) (Jordão, 2023). Com efeito, até mesmo a sua defesa de um Estado Palestino passa a ser considerada pela imprensa brasileira como uma produção discursiva que visa a “comprar a narrativa do Hamas” (Souza, 2023).

Desse modo, já no início do corpo da notícia, temos novamente o destaque para “sem mencionar o grupo islâmico extremista Hamas”, como uma ação empreendida por Lula que o caracterizaria como compassivo ao grupo. Além disso, apesar de trazer o tweet na íntegra, em que o presidente fala estar chocado com os ataques, que define como terroristas, contra civis em Israel, e conclama a comunidade internacional para retomar negociações que visem pacificar a região, o foco da Folha de São Paulo é a defesa que Lula faz da criação de um Estado Palestino: “O presidente, por outro lado, também defendeu ações que garantam a existência de um Estado Palestino”.

É interessante, neste ponto, destacar o uso do conector “por outro lado”, tendo em vista que, adversativamente, tal expressão indica que não importa o presidente afirmar “que o Brasil não poupará esforços para evitar uma escalada no conflito” e pedir “que a comunidade internacional trabalhe imediatamente para que as negociações de paz sejam retomadas”, se ele defende a solução de dois estados. Entendemos que uma análise estritamente vocabular não condiga com os nossos esforços neste trabalho, pois “a identidade de um discurso não é somente uma questão de vocabulário ou de sentenças, [...] ela depende de fato de uma coerência global que integra múltiplas dimensões textuais” (Maingueneau, 2008, p. 18). Contudo, não podemos nos furtar de perceber como os discursos se apresentam na materialidade, como uma ideologia pró-Israel minimiza os esforços pacifistas em nome de um tema não compatível, a existência

---

imposto, apesar de ele apresenta pequeno grau de conexão com seus respectivos sistemas.” (Maingueneau, 2008, p. 83).

da Palestina e o direito à liberdade e dignidade do seu povo.

A título de exemplo para tal fenômeno discursivo, observemos o parágrafo 17, em que a notícia discorre acerca do posicionamento de Arthur Lira, presidente da Câmara dos Deputados e membro de um partido ideologicamente de direita, o Partido Progressistas (PP), o qual explicita em suas produções discursivas esse efeito de minimização dos esforços pacifistas do então presidente da república. Lira também discursa a favor da paz, contudo, como o texto destaca, “por sua vez” condena a ação do Hamas. Logo em seguida, é veiculada uma fala do ex-presidente Jair Bolsonaro – que notoriamente se filia ideologicamente à extrema-direita de forma pública e aberta –, em que ele repudia o ataque terrorista e cita o Hamas, além de relacioná-lo a Lula: “o ataque terrorista feito pelo Hamas, grupo terrorista que parabenizou o Lula quando venceu as eleições de 2022”. A apresentação desses posicionamentos vem de modo a corroborar o discurso da Folha de São Paulo, a qual está em uma mesma FD que Lira e Bolsonaro sobre o conflito israelo-palestino, reforçando a interincompreensão com o Outro e a imagem negativa de Lula, de uma FD distinta.

Essa mesma tentativa de relacionar a imagem de Lula ao Hamas – seja por meio de uma ocultação do tema nos discursos desse Outro, seja por uma suposta não consideração do Hamas como um grupo terrorista – também é vista na segunda notícia analisada, publicada no fim do mês de outubro de 2023, no dia 27, então com certa distância temporal da primeira. Essa segunda notícia se embasa, principalmente, em falas realizadas pelo presidente em um café da manhã com jornalistas no Palácio do Planalto e no programa “Conversa com o Presidente”, ora citado na seção em que contextualizamos as condições de produção desses discursos. Ambos os momentos já localizados temporalmente algumas semanas após o ataque do Hamas, em meio às tentativas de resgate dos brasileiros que viviam na região do conflito.

Quadro 2 – Notícia publicada pela Folha de São Paulo em 27 de outubro de 2023

**Lula diz que Netanyahu quer acabar com a Faixa de Gaza e que Hamas não é terrorista**

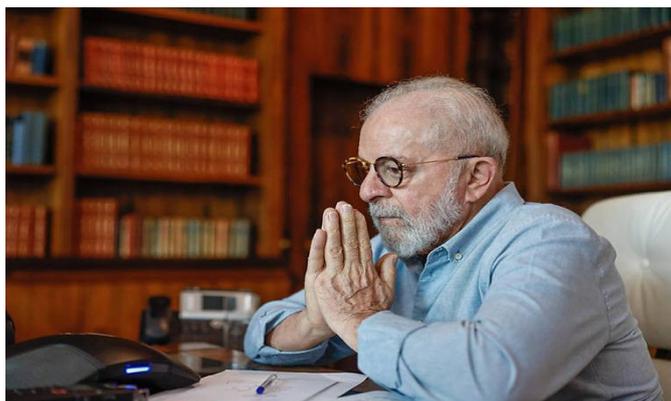
Presidente diz seguir ONU em classificação dada à facção palestina, mas chama de terroristas os atos cometidos pelo grupo em 7 de outubro

**Marianna Holanda**  
**Renato Machado**  
**Mateus Vargas**

27.out.2023 às 13h55  
Atualizado: 27.out.2023 às 16h35

**BRASÍLIA** O presidente Luiz Inácio [Lula](#) da Silva (PT) afirmou nesta sexta-feira (27) que o primeiro-ministro de [Israel](#), [Binyamin Netanyahu](#), quer "acabar com a [Faixa de Gaza](#)". Segundo o petista, o premiê se esquece que o território palestino não abriga apenas soldados do [Hamas](#), mas também mulheres e crianças, "que são as grandes vítimas desta guerra."

Por outro lado, Lula afirmou que o Brasil não considera o Hamas um grupo terrorista, mas reiterou que a facção cometeu um ato terrorista em 7 de outubro, ao invadir Israel em um ataque que gerou 1.400 mortes segundo [Tel Aviv](#) e deu início à guerra em curso no [Oriente Médio](#).



Lula durante conversa por telefone com o presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas - Ricardo Stuckert - 14 out. 2023/ Presidência da República

As declarações de Lula foram feitas em um café da manhã com jornalistas que cobrem a Presidência da República no Palácio do Planalto.

A fala crítica ao governo israelense desta sexta se soma a outra de teor semelhante feita no início da semana, durante o programa *Conversa com o Presidente*, live semanal de Lula. Na ocasião, ele afirmou que "não é porque o Hamas cometeu um ato terrorista contra Israel que ele [o país] tem que matar milhões de inocentes". O Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo Hamas, afirma que mais de 7.300 palestinos morreram em consequência dos bombardeios de Israel ao território.

Lula [usou a palavra "terrorismo" para descrever as ações do grupo pela primeira vez há uma semana](#), em resposta a pressões políticas crescentes —ele não tinha [citado o Hamas nominalmente](#) em seu pronunciamento inicial sobre o conflito, no próprio 7 de outubro.

Nesta sexta, disse que usou o termo em referência à atuação da facção, não a ela propriamente. Para isso, recorreu a uma justificativa já dada pelo governo antes, de que o país obedece historicamente a classificações da ONU nesse âmbito.

"Não queria que a imprensa brasileira tivesse dúvidas sobre o comportamento do Brasil. Ele só reconhece como organização terrorista aquilo que o Conselho de Segurança da ONU reconhece. E o Hamas não é reconhecido pelo Conselho de Segurança da ONU como uma organização terrorista, porque ele disputou eleições na Faixa de Gaza e ganhou. O que é que nós dissemos? Que o ato do Hamas foi terrorista", afirmou o presidente.

Lula ainda usou o café da manhã para defender o fim do poder de veto de Estados Unidos, França, Rússia, China e Reino Unido no Conselho de Segurança da ONU —os cinco países são membros permanentes do órgão. [Como presidente rotativo do Conselho, o mais poderoso do sistema multilateral](#), o Brasil propôs uma resolução visando, entre outros pontos, um cessar-fogo no Oriente Médio. A proposta, contudo, foi [vetada por Washington](#).

"Alguém tem que falar em paz. A nota que o Brasil fez [...] foi aprovada por 12 de 15 votos e duas abstenções. É por isso que queremos acabar com o direito de veto. Aachamos que os americanos, os russos, os ingleses, os franceses, os chineses, ninguém deve ter direito de veto", disse.

O evento com jornalistas se dá na semana em que o presidente voltou a despachar presencialmente do Palácio do Planalto, após um período de recuperação das [cirurgias a que foi submetido no fim de setembro](#).

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/10/lula-diz-que-premie-de-israel-quer-acabar-com-a-faixa-de-gaza.shtml>. Acesso em 12 nov. 2023.

Para analisar de modo mais preciso, dividiremos o título dessa segunda notícia em dois tópicos. No primeiro, temos uma acusação que Lula fez ao primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, afirmando que este “quer acabar com a Faixa de Gaza”. Ao atacar o primeiro-ministro, principal representante do estado, de algum modo, Lula está atacando também o próprio Estado de Israel, novamente estabelecendo um conflito com o discurso defendido pela Folha de São Paulo.

No segundo tópico, é retomado que Lula não considera o Hamas um grupo terrorista. Apesar de haver no lide da notícia a informação de que é uma classificação seguida pela ONU, compreendemos que é o título de uma notícia o que chama a atenção primeiro do leitor, que, muitas vezes, nem se aprofunda em seu conteúdo. Ademais, ainda no lide, a construção “presidente diz seguir ONU em classificação dada à facção palestina” nos permite compreender uma atribuição de responsabilidade sobre o dizer totalmente a Lula, que não necessariamente é acreditada pela Folha de São Paulo. Em outros termos, “o presidente está dizendo que segue uma classificação da ONU, mas não temos como acreditar nisso, dada a sua relação histórica com o Hamas”, o que retoma a questão do interdiscurso apresentada na análise da primeira notícia.

Além disso, a própria utilização de “facção” para se referir ao Hamas indicia de qual FD a Folha de São Paulo fala e marca novamente a interação conflituosa com o discurso lulista. É considerando essa configuração que a análise pode ser realizada, pois “o sentido das palavras e dos enunciados depende das formações discursivas em que ocorrem – essa é uma das teses cruciais da AD” (Possenti, 2023, p. 50). Com isso, advogamos que nessa base textual encontramos os enunciados pertencentes a cada formação discursiva e podemos lançar luz sobre a polêmica. A notícia, assim, emerge e nutre a polêmica entre esses dois discursos e, sendo polemizar, “sobretudo, apanhar publicamente em erro, colocar o adversário em situação de infração em relação a uma Lei que se impõe como incontestável” (Maingueneau, 2008, p. 110), é essa ação que o jornal busca realizar, mostrar como esse Outro não é confiável e erra em um assunto tão delicado no âmbito global.

Pensando ainda nessa questão vocabular, vemos repetir-se o uso de conectores para privilegiar um tema a outro. Nos dois primeiros parágrafos da notícia, há inicialmente o desenvolvimento da fala do presidente que corresponde ao primeiro tópico que analisamos do título. A Folha de São Paulo, nesse momento, explica que Lula acredita que Netanyahu quer acabar com Gaza porque “o premiê se esquece que o território palestino não abriga apenas soldados do Hamas, mas também mulheres e crianças, ‘que são as grandes vítimas desta guerra’”. O jornal agora atribui um teor humanista ao presidente, justificando a sua fala através de um discurso mais pacifista.

Porém, como adiantamos, logo em seguida há novamente o uso do conector “por outro lado”, em uma estratégia discursiva similar a utilizada na outra notícia, ainda que elas tenham sido escritas por jornalistas distintos, mas que representam, portanto, a instituição. Então, mesmo que o Outro se preocupe com as vítimas da guerra, principalmente mulheres e crianças, seu discurso é minimizado em razão de um tema incompatível com o Mesmo, a consideração do Hamas como um grupo terrorista. De todo modo, a Folha de São Paulo mostra que, nesse caso, Lula já cita o grupo e reitera que os atos de 7 de outubro foram sim terrorismo, destacando que “Lula usou a palavra ‘terrorismo’ para descrever as ações do grupo pela primeira vez há uma semana, em resposta a pressões políticas crescentes”, afirmação que ignora o fato concreto de que, no tweet publicado pelo perfil oficial do presidente (Fig. 1), ele já se dizia “chocado com os ataques terroristas”. Nesse engendramento discursivo, faz-se patente que, em razão dos alinhamentos ideológicos do veículo jornalístico em questão (Folha de São

Paulo), a construção discursiva de uma imagem negativa acerca do então presidente – com relação à questão entre Israel e Palestina – se sobrepõe à realidade material dos discursos proferidos por Lula em seus pronunciamentos oficiais.

### Algumas considerações

Esperamos com essas breves análises comportar os objetivos iniciais deste trabalho, lançando luz para o modo como a imagem de Lula é construído pela Folha de São Paulo quanto ao conflito israelo-palestino. A partir de uma tessitura histórica e linguística, evidenciamos como entram em conflito duas formações discursivas distintas, representadas por essas personagens, sendo o jornal o Mesmo e o presidente o Outro. Por pertencerem a esses campos discursivos opostos, ainda que abordem o mesmo tema central, o conflito, constatamos uma interincompreensão, que gera um simulacro de quem é esse Outro, ou seja, constrói-se uma imagem negativa, apesar de discursos que poderiam ser vistos pelo jornal como válidos.

Considerando os pontos aqui elencados, ao apresentarem os discursos de Lula sobre os eventos recentes do conflito, confirmamos nossa hipótese inicial, de que a grande mídia brasileira, aqui representada pela Folha de São Paulo, traz o presidente como um Outro, considerando dois lados apresentados pelos textos jornalísticos: 1) o Mesmo, pró-Israel, conciliatório ou abertamente contra o terrorismo do Hamas; 2) o Outro, pró-Palestina, não conciliatório e abertamente contra as ações de Israel. Nesse jogo de opostos, o jornal se coloca em uma posição mais alinhada ao primeiro grupo, alocando Lula no segundo e construindo uma imagem negativa do presidente.

Apesar de corroborarmos que “a identidade de um discurso não é somente uma questão de vocabulário ou de sentenças, que ela depende de fato de uma coerência global que integra múltiplas dimensões textuais” (Maingueneau, 2008, p. 18), pudemos perceber como a temática, os recortes nas citações e a própria seleção lexical, como no caso dos conectores, dá-nos evidências desse significado global do discurso jornalístico, atrelado a aspectos já elencados, como o próprio percurso histórico da relação de Lula com a questão palestina e as ideologias dominantes em cada FD. O discurso da Folha de São Paulo, por fim, não apenas opera para deslegitimar a imagem e o discurso de Lula, intentando apresentar ao público as contradições dos seus posicionamentos, mas, também, ao ter a polêmica instaurada, tenta se beneficiar perante o público, como o discurso sensato sobre a questão.

Um aspecto que optamos não abordar neste artigo, por questão de espaço e de necessidade de aprofundamento, foi o aspecto intersemiótico, pontuado por Maingueneau (2008) como a sexta hipótese sobre a gênese dos discursos. Não ignoramos, à vista disso, a importância discursiva das imagens que são selecionadas pelos textos jornalísticos, nos exemplos que analisamos, Lula está sempre com um semblante de preocupação. Todavia, esse empreendimento analítico nos exigiria maior conhecimento sobre uma teoria imagética e, por essa razão, deixamos esse como um espaço lacunar a ser preenchido por pesquisas futuras.

## Referências

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* **Linguística Textual: conceitos e aplicações**. Campinas/SP: Pontes, 2022.

CONVERSA com o Presidente #18. Brasília, 2023. 1 vídeo (39 min). Publicado pelo canal CanalGov. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-WH4mGoY3UY>>. Acesso em: 14 nov. 2023.

DAMÉ, Luiza; GOIS, Chico de. Lula defende que Hamas e o Hezbollah sejam chamados para negociar a paz no Oriente Médio. **O Globo**, Brasília, 31 mar. 2010. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/lula-defende-que-hamas-o-hezbollah-sejam-chamados-para-negociar-paz-no-orientes-medio-3031246>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

FISHMAN, Andrew. Israel-Palestina: 11 distorções sobre Gaza e Hamas que a mídia vai contar hoje. **Intercept Brasil**, [s. l.], 08 out. 2023. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2023/10/08/israel-palestina-jornalismo-comete-erros-gaza-hamas/>>. Acesso em: 10 out. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRAZÃO, Felipe. Lula diz que Brics tem de falar da guerra na Ucrânia e paz é ‘dever coletivo e imperativo’. **Estadão**, Johannesburgo, 23 ago. 2023. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/internacional/lula-brics-guerra-na-ucrania-paz-dever-coletivo/>>. Acesso em: 21 dez. 2023.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

JORDÃO, Pedro. Brasil segue ONU e não reconhece Hamas como terrorista, afirma Lula. **CNN Brasil**, São Paulo, 27 out. 2023. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/brasil-segue-onu-e-nao-reconhece-hamas-como-terrorista-afirma-lula/>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

KRESCH, Daniela. Discurso de Lula é mal recebido em Israel. **BBC Brasil**, Tel Aviv, 04 dez. 2003. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2003/12/031204\\_israellula](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2003/12/031204_israellula)>. Acesso em: 20 dez. 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

PONTES, Marina. **A questão palestina nos governos de Lula da Silva: pragmatismo**

ou ideologia?. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

POSSENTI, Sírio. O sujeito fora do arquivo? *In*: POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso**: ensaios sobre discurso e sujeito. São Paulo: Parábola, 2009. p. 73-84.

POSSENTI, Sírio. **Experimentos em Análise do Discurso**. São Carlos: Pedro & João, 2023.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2021.

SANTOS, Norma Breda dos. A política externa do governo Lula com relação ao conflito Israel-Palestina. **História**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 189-216, jul./dez. 2014.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/his/a/X3n9k3BMs4zBbcKc8CDS4d/?format=pdf&lang=pt>>.

Acesso em: 15 nov. 2023.

SOUZA, Carinne. Cinco vezes em que Lula “comprou” a narrativa do Hamas. **Gazeta do Povo**, [s. l.], 11 out. 2023. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/republica/cinco-vezes-em-que-lula-comprou-a-narrativa-do-hamas/>>. Acesso em: 20 out. 2023.